

# CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 221/2012

## INDIGNAÇÃO E BOM SENSO

A indignação responde a uma afronta, algo que fere profundamente o sentimento humano de honra, de ética e de justiça. A aferição do grau deste sentimento é feita pelo sensor do julgamento humano, que é variável em cada um na sua sensibilidade, e que é chamado de senso comum ou bom senso quando se situa na faixa mediana, considerada psicologicamente normal. Há pessoas, muitas, que notoriamente não têm este chamado bom senso que a maioria cultiva e utiliza no dia-a-dia. Essas pessoas carentes de bom senso frequentemente possuem qualidades notáveis de sensibilidade humana ou artística, ou de inteligência científica; mas, certamente, não são capazes de um bom juízo político, que exige este senso comum.

O senso comum brasileiro tem sido insistentemente chamado a manifestações de indignação com respeito à corrupção política e não tem respondido na intensidade correspondente à força dos chamados. Desde há alguns anos, quatro ou cinco, convocações múltiplas têm sido repetidamente tentadas para congregar em marcha pelas ruas o povo das nossas cidades, sem nenhum resultado. Este chamamento chegou a um máximo no momento presente, quando o Supremo Tribunal julga os réus do chamado mensalão e a nossa grande mídia, interessada politicamente, dedica espaço e tempo arrasadores à incitação da opinião popular para a condenação prévia dos indiciados, como meio de levar os Ministros a esta posição pela pressão das ruas. E o povo simplesmente aguarda, calmo, sem um interesse particularmente excitado, o resultado do julgamento institucional de um caso que ele mesmo, povo, já julgou politicamente há uma meia dúzia de anos. Talvez este povo tenha algum resquício de memória do que foi o terremoto de acusações terríveis feitas contra Getúlio Vargas e João Goulart, talvez identifique os mesmos tipos de acusadores de hoje e se recuse à indignação a que lhe querem levar. Talvez seja uma manifestação de bom senso deste povo.

Passo a um outro ponto, onde o que parece é justamente o contrário, a falta de bom senso. Quero me referir à prolongada greve dos professores universitários. E coloco na mesma consideração os policiais rodoviários que fecharam a ponte Rio-Niterói e os servidores federais em geral que fecharam o centro do Rio.

Os professores, e a Universidade brasileira, tiveram uma atenção nos últimos anos que excedeu significativamente o tratamento que tinham nas décadas anteriores. Sem medo de errar, digo que os funcionários federais, em geral, receberam alguma compensação restauradora resultante da política de recuperação do Estado que substituiu a política anterior de Estado mínimo. Possivelmente algumas categorias receberam notavelmente menos que a média, mas não creio que os professores estejam entre esses menos aquinhoados.

Releio as palavras de Aloísio Teixeira, ex-Reitor da UFRJ, ditas na palestra que fez em junho do ano passado no Instituto Casa Grande: "Eu acho que tem uma coisa nova acontecendo no País. Algo novo aconteceu nesses oito anos do Governo Lula. No Ministério da Educação, eu acho que se acertou, e particularmente no que diz respeito à educação superior". Refere-se ao novo clima de diálogo e prossegue: "Os orçamentos foram recuperados. E não só recuperados, mas nessa fase mais recente houve uma expansão real e significativa dos recursos das universidades". Está se referindo às universidades federais,

---

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br  
www.saturninobraga.com.br

# CORREIO SATURNINO

---

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 221/2012

creio. E menciona números de um salto estupendo nas rubricas de custeio e investimento durante os anos em que ocupou a Reitoria: de 47 milhões de reais em 2003, quando assumiu, que não cobriam a conta de luz, para mais de 400 milhões em 2011, quando já não era mais reitor, com uma margem superior a 100 milhões para investimento. Não citou os números de pessoal, é certo, mas não fez a sempiterna referência à pequenez dos salários, deixando ver que, paralelo a um salto tão espetacular no investimento e no custeio geral, a melhoria salarial não poderia ser pouco expressiva.

Paralelamente, é impossível deixar de atentar para a nova realidade que nos está ameaçando, demandando todas as doses de prudência para que o Brasil e os brasileiros não venham a perder proximamente grande parte do que foi ganho nesse últimos anos, incluindo essa expansão orçamentária na Universidade. O mundo vive um impasse econômico que, até agora, já é a maior crise mundial desde o grande craque de 29. Não atingiu o Brasil com a força que arrasa países da Europa mas ninguém pode afirmar que não venha a atingir num futuro bem próximo, e nenhuma prudência será demasiada na condução da nossa política econômica, para evitar essa infelicidade.

Os professores não podem ignorar essa realidade e muito menos dizer que não têm nada com isso, que o problema é do Governo, não é deles. Aí entra o bom senso. Aí é que faz falta a presença e a palavra de um Aloísio Teixeira, com sua liderança, sua respeitabilidade, seu bom senso inabalável.

Bem, era isso o que eu queria dizer. Eu me meto a opinar mesmo sem a necessária vivência direta dos problemas, vício de político. Mas opino, sim, com a humildade do bom senso que admite a hipótese do erro.

---

Roberto Saturnino Braga

Contatos: [saturnino.braga@uol.com.br](mailto:saturnino.braga@uol.com.br)  
[www.saturninobraga.com.br](http://www.saturninobraga.com.br)